

SHARON ROCHA

**METODOLOGIA E PLANEJAMENTO UMA SINERGIA QUE AGE COMO FORÇA PROPULSORA NO ENSINO DA GEOGRAFIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS DE X E Y DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE RORAIMA.**

Boa Vista/RR

Maio de 2012

SHARON CRISTINA ROCHA DOS SANTOS

**METODOLOGIA E PLANEJAMENTO UMA SINERGIA QUE AGE COMO FORÇA PROPULSORA NO ENSINO DA GEOGRAFIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE RORAIMA.**

Artigo apresentado como requisito para obtenção de nota final na disciplina de Prática Profissional em Geografia Humana.

Orientador: Profº. Msc. Lucio Galdino Keury

Boa Vista/RR

Maio de 2012

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO..............................................................................................1,2,3**

**2 FUNDAMENTAÇÃO TEORIA.............................................................................3**

**2.1 METODOLOGIA E PLANEJAMENTO POR QUE E PARA QUÊ?...........3,4,5,6**

**2.3 (RE) CONSTRUINDO AS PRÁTICAS GEOGRÁFICAS.......................6,7,8,9,10**

**2.4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS....................................................................10,11**

**3 METODOLOGIA...........................................................................................11,12**

**4 RESULTADOS E DISCUSSÕES......................................................................12**

**5 CONCLUSÕES...................................................................................................12**

**6 REFERÊNCIAS...................................................................................................13**

**RESUMO**

Antonio Francisco Sousa Brandão[[1]](#footnote-2)

Marilyn de Jesus Rocha dos Santos[[2]](#footnote-3)

Sharon Cristina Rocha dos Santos[[3]](#footnote-4)

O presente artigo tem como objetivo utilizar a disciplina de prática profissional em Geografia humana para refletir sobre a metodologia e o planejamento do ensino da Geografia no 9º ano do Ensino Fundamental nas Escolas X e Y da rede pública estadual de Roraima e através destas reflexões reconfigurar as práticas, possibilitando uma mudança de comportamento. Para a consecução do objetivo do trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo. Buscando maior compreensão sobre o assunto, foram selecionados os textos relevantes ao objeto de estudo desta pesquisa. Neste momento quando a Geografia é transposta de disciplina decorativa e conteúdista, para uma disciplina propulsora para a criação de uma cidadania consciente, fazendo com que o professor seja parte integrante e atuante neste novo paradigma do Ensino da Geografia.

**Palavras-chave:** Metodologia, Planejamento, Professor, Geografia.

**1 INTRODUÇÃO**

A Educação no Brasil busca um novo caminho para as práticas pedagógicas, oportunizando ao acadêmico um grande momento de fazer com que suas observações sejam refletidas como novas possibilidades, pois o contato direto com professores e alunos dá a estes acadêmicos subsídios para que entendam e possam fazer uma transposição pedagógica saudável, que possa ser transferível, isto é transmitida com eficiência e mensurável que permitia uma avaliação eficaz.

Por essa razão, as escolas servem de palco para discussões que procuram compreender esse quadro tão complexo e, muitas vezes, caótico, no qual a educação se encontra mergulhada, o que auxilia na construção de novas ferramentas para o entendimento das práticas pedagógicas,no que diz respeito principalmente ao ensino da Geografia associada a novas práticas em sala de aula.

O presente trabalho está dividido em: 3 capítulos: o primeiro capítulo diz respeito a metodologia e ao planejamento, quando tratamos das dificuldades encontradas pelos professores em fazer a interação entre estas duas ferramentas que são de suma importância para que além de uma aula produtiva, o Professor traga novas práticas ao seu alunado, utilizando meios para priorizar o aprendizado dos mesmos.

No segundo capitulo fazemos uma analise sobre a utilização do livro didático em sala de aula, quando deixa de ser suporte para ser o eixo principal da aprendizagem, causando com isso desestimulo em toda a sala de aula, trabalhamos o espaço escolar como uma primeira estratégia para ser trabalhado tanto pelo contexto geográfico como num contexto de educação ambiental, tratamos de alguns mitos e falácias que estão ligadas a prática do ensino da geografia, sendo fortificadas pelo quesito recursos financeiros escassos, deixando de propiciar aos alunos meios para que os mesmos participem como atores principais da formatação destas práticas.

No terceiro capítulo tratamos dos desafios da transposição didática e a perspectiva da prática pedagógica, outra interação primordial para que o ensino da Geografia ocorra com êxito, deixando para trás os entraves de um sistema educacional cambaleante, e unindo professor e acadêmico (estagiário) numa interação de saberes e conhecimento, quando o conhecimento universitário uni-se aos saberes e experiências dos professores para fortalecer a intenção de avançar nos procedimentos teóricos-metodologicos do ensino da geografia e romper a resistência existente entre alguns professores que por não serem graduados em Geografia tem dificuldades em criar e Inovar o ensino da Geografia tornando-a uma disciplina interessante e crítica, que use a curiosidade dos alunos para um aprendizado eficiente e eficaz.

Diante de toda esta problemática procuramos debater e entender as ações dos professores dentro de sala de aula no que diz respeito ao ensino da geografia e as e conseqüência dessas ações que levam-nos a refletir até mesmo sobre a postura do professor dentro do contexto escolar.

**2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

**2.1 METODOLOGIA E PLANEJAMENTO POR QUE E PARA QUÊ?**

Analisar o comportamento dos alunos durante as aulas de geografia em 2 Escolas de Bairros diferentes, traz a esta pesquisa um enriquecimento impar, pois a Escola Y trabalha de maneira tradicional em todos os níveis, do método de ensino conteudista a uma avaliação pouco eficiente que de certa maneira trouxe-nos dificuldades de confrontar a mesmice, no entanto quando nos deparamos com a Escola Z, que apesar de estar situada em um bairro periférico, passa por um período de inovação em todos os sentidos.

Chegar neste exato momento, quando esta inovação esta sendo implantada nos fez muito bem como futuros docentes cheios de idéias, pois percebemos que nossas idéias não são vãs e que podem tornar-se realidade, segundo Luckesi[[4]](#footnote-5),1990, nossa incapacidade de trabalhar determinados objetos decorre, fundamentalmente, de nossa ignorância sobre eles e sobre os recursos a serem utilizados em sua transformação.

Por isso, talvez a intransigência de alguns professores quando o assunto é metodologia e planejamento, pois um novo conhecimento ou outro meio de interagir o conhecimento adquirido é visto como enfadonho e redundante, de acordo com Luckesi:

O conhecimento é a compreensão inteligível da realidade, que o ser humano adquire através de sua confrontação com esta mesma realidade. (...) A realidade através do conhecimento, deixa de ser uma incógnita, uma coisa opaca, para se tornar algo compreendido, translúcido (1990, p.122).

Pois geralmente o Professor tem mais acesso ao aluno do que seus pais, é quando deve estar preparado para ser um mediador de um prévio e empírico conhecimento adquirido pelo aluno em seu contexto social, visando a preparação deste aluno para o futuro. Para que esta ação alcance o êxito desejado o Professor deve rever o seu comportamento e seu estatus quo, quanto a ação de mediar conhecimento, deixando de lado metodologias rígidas e reducionistas, partindo assim para uma nova estruturação de seu próprio papel, utilizando metodologias dinâmicas, vivas e flexíveis que prepare de fato o aluno para conviver e entender as rápidas transformações do mundo globalizado.

Conforme Zabala[[5]](#footnote-6):

As atividades de ensino devem promover aprendizagens mais significativas e funcionais possíveis, que tenham sentido e desencadeiem uma atitude favorável para realizá-las, que permitam o maior número de relações entre os distintos conteúdos, que constituam estruturas de conhecimento, por um lado. Por outro, devem facilitar a compreensão de uma realidade que nunca se apresenta compartimentada.(1998,p.186)

Entendemos que a metodologia utilizada, deve ser baseada na possibilidade de proporcionar ao aluno que ele seja peça principal na construção e reconstrução de seus conhecimentos, apartir deste entendimento percebemos que a metodologia não deve ser vinculada a simples transmissão de conhecimento, mas sim na construção do mesmo.

A importância da busca por uma interação consistente e benéfica entre metodologia e planejamento fica evidente quando a questão é levantada, já que alguns professores falam claramente que a metodologia não é escolhida previamente, mas sim dependendo da situação encontrada em sua inserção a sala de aula, o que transforma o planejamento em um simples e obsoleto compromisso. Fugindo do compromisso político-pedagógico assumido pelo professor quando o mesmo se decide por esta profissão, o que acarreta uma intensa expectativa tanto da escola como um todo; quanto da comunidade em que esta escola esta inserida, não percebendo que o planejamento deve ser visto como um trabalho coletivo e participativo. De acordo com Viana[[6]](#footnote-7) esta ação é vista como:

Uma nova forma de ação, cuja força reside na participação de muitas pessoas, politicamente agindo em função de necessidades, interesses e objetivos comuns. Um planejamento que tenha por objetivo final a formação do brasileiro, individual e socialmente considerado, a partir do engajamento da maioria para mudanças estruturais (1986, p.18).

No entanto a falta de tempo para se dedicar a escolha e elaboração tanto do planejamento quanto da metodologia, surgiu e durante as rodas de conversas tornou-se evidente que o tempo é fator primordial e ponto convergente entre os professores. Porém também é ponto convergente que a indisciplina do alunado contribui para desestimular o professor na busca de novas metodologias.

A metodologia utilizada na Escola Y é bastante conteúdista, já que o planejamento é de certa maneira deficitário, por ser um tanto quanto generalizado, o que nos remete a busca de entender o porquê desta situação. Entendemos que a busca por metodologias que envolvam o aluno, é de vital importância para que o mesmo entenda os conceitos geográficos, podendo utilizá-los no contexto social em que esta inserido. Conseguir esta façanha é o que irá diferir um profissional do outro, pois em nossas conversas percebemos certa repulsa dos professores em relação a alguns alunos, deixando de lado a humanização e a sensibilidade para perceber as dificuldades até mesmo de aprendizado que alguns alunos apresentam.

Percebemos que quanto mais tempo em sala de aula, menos disposição para falar sobre o assunto, contornando a prática educativa, em sua ação sobre o desenvolvimento dos atores envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, é de suma importância que possamos primeiramente entender e refletir sobre o que, porque e para quem queremos ensinar, priorizando o processo de ensino/aprendizagem do aluno o que na verdade, é nosso dever como profissionais da educação, entendemos que uma ação pedagógica esta intrínseca a definição de propósitos através dos quais chegaremos aos nossos objetivos, segundo Libâneo[[7]](#footnote-8)(2002, p 12) “os objetivos são o ponto de partida, as premissas gerais do processo pedagógico”.

Vários segmentos corroboram com as políticas e diretrizes da ação educativa como, por exemplo: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que servem como referência nacional e os Projetos Políticos Pedagógicos, que tem por finalidade, estabelecer princípios e direcionar o andamento escolar em forma geral; do gestor aos pais, em relação a filosofia da educação e à pratica escolar.

Faz-se necessário que o professor tenha um prévio conhecimento destes segmentos, para que possa trabalhar seus próprios objetivos. Objetivos estes que devem relacionar-se tanto aos seus alunos, quanto à disciplina ministrada, lembrando que estes objetivos devem ser analisados de forma crítica pelo professor em questão. Para Libâneo:

...O educador deve ter clareza de suas convicções políticas e pedagógicas em relação ao trabalho escolar, ou seja: o que pensa sobre o papel da escola na formação de cidadãos ativos e participantes na vida social, sobre a relação entre o domínio do conhecimento e habilidades e as lutas sociais pela melhoria das condições de vida e pela ampla democratização da sociedade:como fazer para derivar dos objetivos amplos aqueles que correspondem às tarefas de transformação social, no âmbito do trabalho concreto nas escolas e nas salas de aula.(2002,p.12)

Pois, o professor tem grande influência na formação crítica de seu aluno alguns de forma contundente outros não, sem, no entanto dirimir esta influencia.

Entendemos que a metodologia e o planejamento dentro de suas especificidades são elementos primários, isto é, são de suma importância para uma prática educativa dinâmica e por isso devemos construí-los de modo que seja suprida a necessidade do aluno no processo de ensino/aprendizagem e não do Professor, por este professor ter dois ou mais empregos.

**2.2 (RE) CONSTRUINDO AS PRÁTICAS GEOGRÁFICAS.**

Quando tratamos do assunto Livro Didático, percebemos que é um assunto pouco digerido pelos professores pesquisados, pois, este que deveria ser usado apenas como um suporte detém dentro de sala de aula o lugar principal de uma estratégia que já deveria ter sido modificado há vários anos, pois quando vemos a geografia sendo tratada como uma disciplina mediana e não conseguindo introduzir toda a sua plenitude, fugindo descaradamente do que preconiza Castrogiovanni[[8]](#footnote-9), quando diz que:

O ensino de geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transportando-as para as representações do espaço concebido. Devemos conhecer a psicogênese das operações e representações do espaço-temporal, assim como suas questões socioespaciais. O ensino de geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações (CASTROGIOVANNI, 1999, p.83).

Como levar o aluno a entender a geografia nesta amplitude se nos atrelarmos a um instrumento que deveria servir de suporte teórico, e foge-se da realidade da globalização e das mídias tecnológicas que estão por todos os lugares. Devemos ser preparados e nos prepararmos para sermos mediadores nos processos educativos, pois os meios de comunicação chegam como uma forte ferramenta de mudança de comportamento e até mesmo cultural, então porque não utilizá-las como ferramenta útil numa perspectiva didática. Pois a disciplina de geografia dá ao Professor esta possibilidade, no entanto temos consciência de que os recursos midiáticos são escassos, em quase todas as escolas, porém percebemos que quando há um prévio planejamento esta questão é facilmente sanada, o que ocorre na maioria das vezes é que trabalhar o livro didático toma o tempo e consome a energia dos alunos.

Queremos trazer formas de deixar este embate em um plano inferior e priorizar o aprendizado, que raramente ocorre, pois o decoreba toma conta da situação, no entanto se o professor contextualizar suas aulas com a realidade vivida por seus alunos, pois quando nos detemos somente nos livros, acabamos por produzir não cidadãos críticos que interferem em seu contexto social de forma positiva, mas sim em pessoas incapazes de ter um ponto de reflexão, causando com isso a submissão ou até a inserção no mundo da delinqüência, ocasionado por disjunção familiar. Segundo Freire[[9]](#footnote-10):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como “seres vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (1975, p. 77).

A procura por novos meios de contribuir positivamente no processo de ensino /aprendizagem, cabe ao Professor, em nossas pesquisas bibliográficas para a realização deste artigo pudemos ter contato com vários projetos e artigos que trazem nortes diferentes para diferentes tipos de práxis no ensino da geografia, o que foi bastante interessante, pois quando os professores pesquisados eram confrontados com estes trabalhos percebiam que levavam mais tempo fazendo o aluno ingerir o livro didático do que para a realização de algumas práticas levantadas pelo grupo pesquisador.

Apresentamos trabalhos com jornais, fotos, músicas e cinemas dentre outro, alguns foram descartados logo de imediato, por necessitarem retirar os alunos do entorno da escola, outros, no entanto foram estudados e aplicados , com relativo sucesso, o que não era esperado por alguns professores que não possibilitam uma interação nem mesmo com os colegas de profissão, no entanto esta dificuldade de interação faz com que o espaço geográfico da escola seja dispensado como um meio de ensinar geografia.

Notamos a dificuldades em tentar desvincular sua metodologia dos livros didáticos e do cumprimento de seus conteúdos, que se cumprem sem dar espaço para uma discussão ou se quer uma analise dos mesmos nem pelo professor muito menos pelos alunos. Na discussão sobre o uso da Escola como primícia da prática para o ensino da geografia, a relutância dos professores recai sobre a indisciplina do alunado, se eximindo do fato de ele próprio não ter domínio de classe, pondo-se na base do coitadinho e não na base do líder destes jovens que necessitam urgentemente de líderes que coordenem seus conhecimentos e práticas, através de projetos elaborados dentro da escola como a Agenda 21 a Educação Ambiental, percebemos monitores dando ao alunado a visão do espaço escolar como um espaço geográfico e suas representações que devem ser vistos e analisado como passível a mudanças tanto positivas quanto negativas. Medeiros[[10]](#footnote-11) defende que:

Para o ensino da geografia, o uso das representações é de vital importância, pois é por meio da representação que os indivíduos externam a sua percepção. Os mapas são representações pelos quais podem ser trabalhados os conteúdos geográficos. As paisagens ao serem representadas refletem o percebido e o vivido, são os meios de compreendermos como os atores pensam o espaço geográfico (2008, p.50).

Na escola Y percebemos que as paredes estão riscadas e algumas salas e banheiros estão pichados e sem ventilação, com alunos entrando e saindo das salas a todo o momento, o pátio não fica vazio um só minuto, tem sempre um grupo de alunos em conversas paralelas ao que esta ocorrendo em sua sala.

Na Escola z, o cenário é totalmente diferente, apesar de estarem situadas em bairros periféricos e a escola z ter tido uma péssima fama por vários anos, no entanto percebemos que esta situação vai alem da sala de aula é um a questão de Gestão. No entanto fica claro que alguns alunos não tem a menor noção de que fazem parte deste espaço geográfico e por isso o mínimo a fazer é conservá-lo, porém se não tivermos líderes que estimulem apropriação deste patrimônio como parte pertinente do seu cotidiano, o aluno vai continuar a destruir um patrimônio que pertence a toda a comunidade.

Quando o assunto são as falácias distribuídas a quem quiser, por professores descompromissados com o aprendizado de seus alunos, torna-se ponto mais que convergente que estas falácias contribuem para que o ensino da geografia torne-se distante do que a realidade impõe. É importante situações e praticas que valorizem o contexto no qual o aluno esta inserido, para que sejam valorizadas também suas referencias e entendimento do espaço vivido, para que o mesmo possa contextualizar e correlacionar este contexto e espaço, prosseguirmos com a questão da inserção de novas práticas, o quesito recursos financeiros, surge de maneira incisiva, contudo percebemos que esta é mais uma falácia facilmente dirimida, pois alguns saberes se perpetuam de maneira lúdica e consistente. Como as que já sugerimos acima, e quando foram trabalhadas surtiram um efeito inesperado, pois os alunos se empenharam nas atividades propostas.

Sugerimos então atividades sem nossa presença, pois esta foi uma questão bastante debatida; sugerimos oficinas cartográficas, com material reciclável coletado e confeccionados pelos próprios alunos, durante a apresentação pudemos notar que a ebulição se dava não pela própria apresentação, nem pela nota almejada, mas pelo simples fato de que eles mesmos produziram os objetos necessários à montagem das oficinas, e foi gratificante verificar que alunos do 9º ano do Ensino Fundamental tem uma percepção do espaço geográfico impressionante, quando são estimulados para tal, Para Bosco e Cunha[[11]](#footnote-12) (2003):

Ao produzir e experimentar materiais didáticos elaborados por ele, o docente, além de avaliar a qualidade e a eficiência dos materiais a serem utilizados, se mostra um profissional comprometido com a transformação do fazer pedagógico na escola. É tarefa também do professor envolver os alunos em discussões de problemas que lhes são mais próximos ( 2003)

Ao nos encontrarmos para mais uma roda de conversa os professores estavam visivelmente sem argumentos para o que antes eram reclamações, no entanto ainda assim a questão do tempo foi o entrave da vez, já que para uma maioria de professores o tempo é curto para qualquer tipo de prática que não seja a tradicional e que o apoio dado é pouco. No entanto se trabalharmos administrando o tempo de cada turma e de forma que a avaliação escrita e tradicional deixe de ser o ponto de chegada desta prática, mas sim o sucesso do aprendizado, então estaremos encontrando maneira de entendermos e aplicarmos saberes lúdicos, que nos tornaram mais do que professores ou mediadores de conhecimento, seremos além disso, companheiros de nossos alunos, levando-os a serem indivíduos comprometidos com a prática geográfica, tornando-os atores de alto valor para a difusão destas práxis.

**2.3 DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**

Os professores pesquisados têm em comum uma visão: a transposição didática e a prática pedagógica, tornam-se incompatíveis conforme o tempo passa e as experiências vividas vão acumulando-se fazendo com que algumas práticas tornem-se obsoletas. Este é um desafio a ser encarado, esta foi a pergunta que mais obteve resposta igual: 90% dos professores afirmaram “que este é o desafio!”

No entanto entendemos que uma transposição didática limpa, isto é, sem empobrecer o saber universitário, transformando-o em prática pedagógica é de extrema necessidade e de difícil percepção, já que, o saber universitário, na verdade é um mosaico de informações que são adquiridas durante no mínimo quatro anos. Partindo desta perspectiva é de fundamental importância que o mesmo seja reconstruído e reorganizado e se necessário adaptado conforme a necessidade percebida. Não queremos afirmar que é fácil, no entanto é primordial que seja feito, levando em consideração que os alunos tem uma outra percepção da geografia, e que por isso não precisam de um conhecimento minimizado do mosaico acima mencionado, pois estão ali para interagirem, modificando o mosaico a medida que entendem que o saber geográfico faz parte de seu cotidiano,permitindo-lhe não somente entender os conteúdos, mas apartir deles construir seus próprios saberes. Conforme Luckesi:

Ás vezes, a escola transmite informações tão desvinculadas da realidade e de tal forma hipertrofiadas, que passa para os alunos a sensação de que aqueles entendimentos expostos não valem nada; efetivamente, da forma como são apresentados, certos conteúdos por vezes, não valem nada mesmo ou pior, são enganosos (1990,p.131)

Por isso precisamos estar a todo o momento, exercitando o saber universitário para que o mesmo não caia no esquecimento dando lugar a sistematização tradicional e conteúdista tão criticada pelos universitários

É necessário que se entenda que a Escola é um palco de discussões onde a pluralidade (em sua maior amplitude) é contundente, o que detona alguns conflitos que em sua maioria trata-se de intransigência adolescente, porém no contexto vivido pode se tornar bem mais violento, e lidar com esta realidade não é ensinado nas salas das academias, no entanto sabemos que esta é uma realidade eminente para todos os professores sejam de escolas nos grandes centros ou em periferias, a diferença e o modo de lidar com estas situações.

Quando pensamos em transposição didática como suporte para uma nova prática pedagógica, esbarramos nos entraves de um sistema educacional cambaleante, que ao mesmo tempo em que não fomenta uma qualificação efetiva, corrompe o profissional professor para que o aluno ultrapasse as etapas educacionais. A parceria acadêmico-professores, em uma interação de saberes e experiências, seria um grande avanço na tentativa de mudar este paradigma imposto aos dois.

Nossa experiência foi gratificante e significante quando pensamos sob a perspectiva que em pouco tempo alguns de nós seremos colegas de trabalho.

A sistematização de novas práticas no ensino da geografia sofre grandes resistências dentro do sistema educacional e parte desta resistência se deve ao fato de que a grande maioria dos professores atuantes na disciplina de geografia não são graduados para tal.

No entanto ouvimos professores pedagogos que já ministraram aulas de geografia e que segundo eles utilizaram várias práticas metodológicas, sem no entanto conseguirem sentir que alcançaram êxito em seu papel de mediador do conhecimento, papel este que do ponto de vista construtivista é preponderante para que o processo de ensino/aprendizagem ocorra.

**3 METODOLOGIA**

Optou-se pela pesquisa quantitativa, para os alunos e qualitativa com os professores pois envolve a qualidade da aprendizagem dos alunos, reuniões com rodas de conversas, sempre que possível, foram levantadas as questões inerentes ao assunto abordado. Bibliográfica, quando foram feitas leituras pertinentes ao tema, buscando uma maior compreensão sobre o assunto, selecionando os textos mais relevantes ao objeto de estudo desta pesquisa e pesquisa de campo quando passamos vários dias nas escolas Y e Z, onde foram coletados os dados.

A pesquisa está voltada para o aprendizado em relação à disciplina de Geografia e a metodologia utilizada pelos professores para mediarem o conhecimento dos alunos, de forma estimulante. No entanto, a coleta dos dados está focada para a qualidade de ensino-aprendizagem dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.

**4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Segundo Luckesi (1990) É preciso ter cuidado com está questão do conhecimento, pois dessa compreensão dependerá a forma de trabalhar com os alunos no processo de ensino/aprendizagem, pudemos perceber que as metodologias utilizadas para o ensino da geografia a reduzem a uma disciplina decorativa e sem foco, no entanto quando o mesmo autor diz, que o conhecimento escolar só poderá vir a ser um conhecimento significativo e existencial na vida dos cidadãos se ele chegar a ser incorporado pela compreensão, exercitação e utilização criativa. Apartir daí podemos dizer que o professor além de ser mediador do conhecimento, passa a ser também um transformador de um cidadão opaco e sem perspectiva para um ator da situação, que irá transformar o contexto social no qual está inserido.

O ensino da Geografia que deve ser tida como uma disciplina de revolução deve atender a estas expectativas de todo aluno, pois o espaço que deve ser gerido é o espaço vivido e concebido, e por isso passível a transformação e ao mesmo tempo transformador. Ao analisar as respostas dos alunos que responderam aos questionários pudemos perceber que

**5 CONCLUSÕES:**

É importante fazer algumas considerações que, se não trazem soluções definitivas, podem apontar caminhos para futuras reflexões. Assim, é preciso compreender, por exemplo, que o Professor é o verdadeiro responsável pela inovação metodológica que esta preste a acontecer, pois a disciplina de Geografia passa por uma evolução, quando percebemos que através da mesma podemos ter um conhecimento de várias outras disciplinas, pois a Geografia possibilita ao aluno entender sua realidade, levando-o a ter criticidade para diferir o que acontece ao seu redor, propiciando com que o mesmo possa conhecer o meio em que esta inserido

**6 REFERÊNCIAS**

LUCKESi,Cipriano Carlos. Filisofia da Educação.São Paulo:Cortez,1990

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. **Geografia em sala de aula:** práticas e reflexões. 2. ed. Porto Alegre, 1999.

BOSCO, Cristiane Beatriz Dal; CUNHA, Márcia Borin da. Produção de Material Didático: ferramenta para a atualização de currículos e revisão da prática pedagógica de Química. **Olhar de Professor**. Ponta Grossa,2003.

LIBÂNEO,José Carlos.Didática.São Paulo:Cortez,2002

ZABALA,Antoni. Os enfoques didáditcos. In\_\_\_.O construtivismo na sala de aula, São Paulo:Ática,1998.

VIANNA,Ilca Oliveira de Almeida. Planejamento Participativo na Escola.São Paulo:EPU, 1986.

MEDEIROS, Paulo Cesar, Fundamentos Teoricos e Práticos do Ensino da Geografia/Curitiba:IESDE Brasil S.A,2008.

**Questionário aplicado para os alunos pesquisados:**

1. O que você acha das aulas de geografia:

( ) Boa(80) ( ) Regular(40) ( ) Ruim(20)

1. Qual o recurso didático mais utilizado pelo professor:

( ) Mapa(30) ( ) Globo(20) ( ) Livro Didático(60) ( )Recursos Tecnológicos(30)

1. Qual o assunto abordado que você acha mais interessante

( ) Globalização(90) ( )Desigualdade regional(20) ( ) Atividades Econômicas(30)

1. Qual sua opinião sobre o livro didático

( )Bom(20) ( ) regular (40) ( ) ruim(80)

1. Qual sua maior dificuldade nesta disciplina

( ) Ler Mapas(50) ( ) Ler Livros (50) ( ) Fazer Pesquisas(40)

1. Licenciado em Pedagogia,Especializado na Educação de Jovens e Adultos, cursando 2ª licenciatura em Geografia. Orientado pelo Profº. Msc. Lucio Galdino Keury. [↑](#footnote-ref-2)
2. Tecnóloga em Agronegócio, acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Orientado pelo Profº. Msc. Lucio Galdino Keury. [↑](#footnote-ref-3)
3. Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Orientado pelo Profº. Msc. Lucio Galdino Keury. [↑](#footnote-ref-4)
4. Luckesi,Cipriano Carlos. Filisofia da Educação.São Paulo:Cortez,1990 [↑](#footnote-ref-5)
5. Zabala,Antoni. Os enfoques didáditcos. In\_\_\_.O construtivismo na sala de aula, São Paulo:Ática,1998. [↑](#footnote-ref-6)
6. Vianna,Ilca Oliveira de Almeida. Planejamento Participativo na Escola.São Paulo:EPU, 1986. [↑](#footnote-ref-7)
7. Libâneo,José Carlos.Didática.São Paulo:Cortez,2002 [↑](#footnote-ref-8)
8. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. **Geografia em sala de aula:** práticas e reflexões. 2. ed. Porto Alegre, 1999. [↑](#footnote-ref-9)
9. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. [↑](#footnote-ref-10)
10. Medeiros, Paulo Cesar, Fundamentos Teoricos e Práticos do Ensino da Geografia/Curitiba:IESDE Brasil S.A,2008. [↑](#footnote-ref-11)
11. BOSCO, Cristiane Beatriz Dal; CUNHA, Márcia Borin da. Produção de Material Didático: ferramenta para a atualização de currículos e revisão da prática pedagógica de Química. **Olhar de Professor**. Ponta Grossa,2003. [↑](#footnote-ref-12)